
ARTIGO

GUERRA E PAZ EM TRÊS COMÉDIAS DE ARISTÓFANES: Os Acarnenses, A Paz E Lisístrata¹

Ana Maria C. I. da Costa

A análise de três comédias de Aristófanes (cerca de 450 a 388 a.C.) ensejamos a discussão, numa perspectiva histórica, da recorrente questão posta pela dialética entre o particular e o universal.

Centrando-nos no tema da Guerra e da Paz, como visto pelo comediógrafo grego em função da guerra do Peloponeso, além de estabelecermos o papel da comédia como instrumento de crítica social e delinearmos o quadro político-cultural e sócio-econômico defrontado pelos gregos à épocas de Aristófanes,

The analysis of three comedies by Aristophanes (circa 450-388 B.C.) gives rise to the discussion, in a historical point of view, of the recurring question placed by the dialectic between the particular and the universal.

Focusing on the theme of War and Peace (as seen by the Greek comic poet, inspired by the Peloponnesian War), as well as establishing the role of comedy as an instrument of social criticism and outlining the political-cultural and socioeconomic picture found in Greece in the time of

1- NOTA DOS EDITORES: devido a limitações do programa de editoração utilizado, as palavras escritas em caracteres gregos foram transliteradas para caracteres latinos.

evidenciamos que a obra Aristofânica contém elementos que rompem o emolduramento espaço-temporal dos fatos satirizados e os transformam em temas de caráter universal.

Assim, ao tratar de situações concretas da Atenas do século V a.C., o autor remete-nos à consideração de idéias, sentimentos, emoções e móveis que se têm mostrado presentes no correr de toda a história da humanidade.

Aristophanes, we attest that Aristophanic works contain elements that break away from the spatiotemporal framework of the satirized facts, transforming them into themes of a universal character.

Thus, by dealing with concrete situations found in Athens in the 5th Century B.C., the author leads us to contemplate ideas, feelings, emotions and prime movers present all along the history of mankind.

A sequência de discursos eruditos sobre o Amor em *O Banquete* de Platão é interrompida pelo soluço de Aristófanes, impedindo-o de pronunciar o seu. O médico Erixímaco toma seu lugar, não sem antes prescrever-lhes os remédios próprios para desembaraçá-lo do soluço. Tanto o soluço como os remédios prescritos (prender a respiração, coçar o nariz, provocar espirros), em meio a uma séria discussão acadêmica, configuram uma situação cômica.² No entanto Platão é um filósofo e não um comediógrafo e *O Banquete* é uma obra na qual se discute seriamente um tema universal: o amor. Os debatedores expõem seus conhecimentos e exercitam sua retórica.

Platão, ao apresentar Aristófanes como o personagem cômico de seu *Banquete*, atinge o próprio espírito da obra de Aristófanes. Seu soluço representa a sátira, é uma maneira de ridicularizar os grandes ares, a seriedade e auto-admiração dos convivas. É o mesmo ridículo que, nas comédias de Aristófanes, fustiga políticos, utopias políticas, instituições sociais, caracteres humanos, escolas literárias e "qualquer coisa sonora mas vazia, grotescamente audaciosa ou

2- "Teremos a impressão de comichidade se nos for mostrada a alma incomodada pelas necessidades do corpo. É cômico todo incidente que chame nossa atenção para o físico de uma pessoa estando em causa o moral" - BERGSON, Henry. *O riso*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981, pp. 32 e seguintes.

visivelmente fora de moda que pode nos oferecer o banquete da vida pública."³ O soluço de Aristófanes mostra-nos um dado fundamental de suas comédias, aliás essencial à comicidade em geral: o elemento surpresa, que, segundo Solomos,

*"é excitação do pensamento, o acordar sonoro, que nos faz sair da letargia das conveniências, da rotina, da ordem estabelecida, é a dose indispensável de desordem que exige o equilíbrio estético da arte."*³

O soluço de Aristófanes em *O Banquete* é a paródia do sério. A paródia é a forma de sátira mais completa e um dos recursos dramáticos mais perfeitos de Aristófanes.

Nas três comédias, objeto deste nosso comentário, encontram-se inúmeros exemplos disso. Em *Os Acarnenses*, Aristófanes parodia as assembleias populares, a diplomacia, a composição trágica, os recursos dramáticos de Eurípedes, etc. Em *A Paz*, o escaravelho que transporta Trigueu aos céus é uma paródia do Pégaso dos poetas. Em *Lisístrata*, o sexo e a guerra resultam numa paródia intensamente cômica.

Referindo-se à efemeridade do cômico, lembra G. Starzynski, a única estudiosa brasileira do teatro aristofânico, "quão árdua é a tarefa de atrair a atenção do moderno leitor brasileiro para toda a riqueza que jaz esquecida nas entrelinhas das peças de Aristófanes."⁵

A comédia ática antiga, cujo representante máximo é Aristófanes, caracteriza-se por ser uma comédia satírica de mordaz e cruel crítica a pessoas e instituições políticas, sociais e culturais, perfeitamente localizadas e datadas. O conteúdo das comédias de Aristófanes é a Atenas do século V a.C., recriada no mundo da ficção.

Dado o profundo engajamento de suas comédias com a realidade de seu tempo, Aristófanes foi estudado por muitos autores, apontados por G. Starzynski, mais como político, como moralista ou como historiador, confrontado com outras fontes, do que como um verdadeiro poeta cômico. Houve até autores que o

3- SOLOMOS, Alexis. *Aristophane Vivant*. Hachette, 1972.

3- Idem, *Ibidem*.

5- STARZYNSKI, Gilda M. Reale. "A linguagem cômica de Aristófanes". *Revista Língua e Literatura*, nº 1, São Paulo, 1972.

rotularam de comediógrafo ultrapassado, "distante de nosso mundo atual, criador de um cômico rançoso, desinteressante e superado, incapaz de despertar o menor sorriso de um espectador moderno."⁵ Já a crítica mais recente, como assinala a autora citada, reabilita o dramaturgo, o poeta cômico e o "nome de Aristófanes, qual nova fênix, vai ressurgindo das cinzas."⁷

O comprometimento da comédia de Aristófanes com o contexto histórico da Grécia do século V a.C., não a torna circunstancial. Ao contrário: a proximidade da realidade social de seus coevos, aliada ao gênio criador, representa o intenso vigor cômico da obra.

O tormento da perspectiva de uma guerra nuclear, os movimentos pacifistas, as infundáveis negociações de paz das superpotências simultâneas à corrida armamentista, vinte e cinco séculos depois das peças de Aristófanes que têm como tema a paz, não poderiam servir de argumento em defesa da universalidade da temática de Aristófanes?

Toda a obra de Aristófanes foi apresentada a um público, direta ou indiretamente envolvido na guerra do Peloponeso, que espalhava por toda a Grécia desolação e morte.

A guerra do Peloponeso, diz Tucídides,

"estendeu-se por longo tempo e no seu curso a Hélade sofreu desastres como jamais houvera num lapso de tempo comparável. Nunca tantas cidades foram capturadas e devastadas, algumas pelos bárbaros, outras pelos próprios helenos, combatendo uns contra os outros, enquanto algumas, após a captura, sofreram mudança total de habitantes. Nunca tanta gente foi exilada ou massacrada, quer no curso da própria guerra, quer em consequência de dissensões civis."

Terremotos, grandes secas e a peste epidêmica ocorreram simultaneamente com a guerra.⁸ Diante desse quadro desolador, as pilhérias de Aristófanes a respeito da guerra teriam tido função muito mais ampla do que simplesmente provocar o riso. O gênio satírico do poeta mostra o desarrazoado da guerra,

5- Idem, Ibidem.

7- STARZYNSKI, Gilda M. Reale. "Uma situação cômica: o cidadão Justino faz uma visita a Eurípedes." *Revista Língua e Literatura*, nº 2, São Paulo, 1973.

8- TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*, I, 23.

denuncia os eternos beneficiários das longas campanhas militares, como em *Os Acarnenses*, canta as delícias da paz, como em *A Paz*, procura levantar o moral dos atenienses no momento da iminente ruína da nacionalidade helena, como na *Lisístrata*.

OS ACARNENSES

Os Acarnenses, encenada em 425 a.C., sexto ano da Guerra do Peloponeso, é a mais antiga comédia de toda a dramaturgia ocidental. É uma peça "arquetipo", como o diz Solomos, tem como tema a defesa da paz e "traz uma amostra de toda a grandeza de Aristófanes, que durante quarenta anos fez vibrar os espectadores do Teatro Dioniso, com a graça esfuziante de seus coros e tiradas."⁹

Dióicos, deus do Pantheon grego, possuía quatro festas anuais, os Festivais Dionísíacos, de que se originaram os concursos dramáticos¹⁰:

- Lenéias, em fins de janeiro;
- Antestérias, em fins de fevereiro;
- Grandes Dionísias ou Dionísias Urbanas, em fins de março;
- Dionísias Agrárias, em fins de dezembro.

Aristófanes apresentou *Os Acarnenses* nas Lenéias, em pleno inverno e diante de um público restrito. Nessa época do ano, como o mar não favorecia as atividades comerciais, havia poucos turistas, poucos estrangeiros em Atenas. Já as Grandes Dionísias eram os principais, os mais brilhantes e os mais importantes festejos, sobretudo para a arte dramática; a época em que Atenas recebia grande número de estrangeiros.

O assunto de *Os Acarnenses* é a guerra e a paz, mas as hostilidades em relação ao autor já haviam começado antes das apresentação da peça. Cleon, demagogo de Atenas, movera um processo contra Aristófanes, acusando-o de ter injuriado a cidade na presença de estrangeiros, nas Grandes Dionísias. O processo,

9- STARZYNSKI, Gilda M. Reale. "Uma situação cômica: o cidadão Justino faz uma visita a Eurípedes." *Revista Língua e Literatura*, nº 2. São Paulo, 1973.

10- *Lenos* - significa largar, prensa; *Lenaios* - significa o Deus do lagar (Bacchus); *Lenaeon* - nome do tempo de Dióicos em Atenas, onde eram celebradas as festas de prensar a uva; *Lenaeia* - significa a festa da prensa em honra a Bacchus.

diz-se, ocorreu logo depois da representação de *Os Babilônios*, peça na qual Aristófanes critica a política imperialista de Atenas e faz zombarias cruéis ao político Cleon. Dikaiópolis, protagonista de *Os Acarnenses*, dirigindo-se ao coro, refere-se a esse episódio:

*"... sei por experiência própria o que me fez sofrer Cleon por minha comédia do ano passado, fazendo-me comparecer diante do Senado, caluniando-me, atribuindo-me supostos crimes, tratando de confundir-me com seus ultrajes e declarações e pondo-me a ponto de morrer manchado por suas infames calúnias."*¹¹

Aristófanes enfrentou grandes dificuldades e o risco de lhe ser confiscado o título de cidadão, mas saiu inocente da luta judiciária. Segundo Solomos, *Os Acarnenses* foi a resposta irônica a tais acusações.

Calístrato, colaborador e amigo fiel de Aristófanes, pediu um coro para *Os Acarnenses*, nas Grandes Dionísias. O arconte Epônimo¹² recusou seu pedido e lhe fechou as portas das Grandes Dionísias, devido ao escândalo do ano precedente. Assim, o protagonista de *Os Acarnenses* - Dikaiópolis - que representa o próprio poeta, dirige-se ao público de forma amargurada e irônica:

*"Não vos ofendais, espectadores, se me atrevo a falar de política em uma comédia; pois também a comédia conhece o que é justo. Direi palavras amargas mas verdadeiras. Não me acusará, hoje, Cleon de que falo mal da cidade em presença de estrangeiros; estamos sós, as festas são as Lenéias, não há estrangeiros, não vieram os pagadores de tributos, nem os aliados, estamos sós."*¹³

O enredo dos *Acarnenses* é muito simples. Segundo G. Starzynski, sua estrutura é o modelo tradicional da chamada comédia ática antiga.¹⁴ Inspirados nos infortúnios da população da Ática, exposta a contínuas invasões e devastações, Aristófanes faz seu lavrador Dikaiópolis concluir um tratado de paz particular com os lacedemônios.

11- ARISTÓFANES. *Os Acarnenses*.

12- *Archoneponymos* - o primeiro arconte em Atenas, o que dava seu nome ao ano.

13- ARISTÓFANES. *Os Acarnenses*.

14- STARZYNSKI, Gilda M. Reale. "Uma situação cômica: o cidadão Justino faz uma visita a Eurípedes." *Revista Língua e Literatura*, nº 2. São Paulo, 1973.

Em um artigo sobre a linguagem aristofânica, G.R. Starzunski chama a atenção para a expressividade e a carga de significação para a economia da peça, dos nomes compostos. Assim, o camponês pacifista que defende a causa justa é "Dikaiópolis", "a Justa-Cidade". Se traduzirmos como "Diceópolis", teremos um nome estranho, inteiramente opaco para o leitor moderno. Em uma forma aproximada, como "Justino", mantém-se apenas um dos elementos - a idéia de Justiça - mas despreza-se o aspecto social dessa busca, pois o cidadão procura o tratado de paz não só para si, mas para a Cidade.¹⁵

O prólogo é constituído por uma paródia da Assembléia do Povo e uma paródia da diplomacia, Dikaiópolis, logo ao amanhecer, comparece à Pnix para participar de uma Assembléia popular ordinária, que deveria deliberar sobre a paz. Encontra a praça deserta.¹⁶ No seu monólogo de espera, deplora suas desventuras e a situação da Cidade. Acusa Cleon de suborno, louva o poeta trágico antigo, zomba de alguns contemporâneos e lastima que nem de seus concidadãos, nem dos magistrados (Pritaneos), entre cujas atribuições estava a de convocar e presidir as assembléias populares, se pode esperar que se ocupem dos meios de conseguir a Paz. O autor introduz nesta fala ruídos de seu corpo, que são expressos por meio de palavras vulgares e obscenas, dando maior intensidade cômica e autenticidade à impaciência na espera da paz. Dikaiópolis olha para o campo, amante da paz, e lembra-se de sua aldeia, onde nunca lhe diziam "compra carvão, compra vinagre, compra azeite; esta palavra compra lhe era desconhecida. A aldeia produzia tudo sem este eterno 'compra' que lhe serra as entranhas."¹⁷

Os atenienses, diz Tucídides, mais que qualquer outro povo, eram essencialmente agricultores. No início da guerra do Peloponeso,

"depois de ouvir as palavras de Péricles, os atenienses, já persuadidos, começaram a trazer do campo seus filhos, suas mulheres e todos os seus pertences, retiraram até o madeiramento das casas; os rebanhos e os animais de carga foram transportados para a Eubéia e para as ilhas vizinhas. Esse deslocamento lhes

15- STARZUNSKI, Gilda M. Reale. "A linguagem cômica de Aristófanes". Revista Língua e Literatura, nº 1, São Paulo, 1972.

16- Pnix era uma praça próxima à Cidadela, onde realizavam-se as assembléias do povo. A palavra Pnix deriva de "pikinostai" - apertar-se - tendo sido lhe dado esse nome, talvez, pela multidão que se aglomerava em dias de sessão.

17- ARISTÓFANES. Os Acarnenses.

pareceu penoso, pois os habitantes em sua maioria estavam habituados à vida do campo."¹⁸

Assim, Dikaiópolis vai à Assembléia decidido a "gritar, interromper, a insultar os oradores se falarem de outra coisa que não da paz."¹⁹ Ao meio dia, chegam finalmente os magistrados e, como Dikaiópolis havia previsto, atropelam-se e empurram-se, sem consideração à sua dignidade de magistrados, para alcançar os melhores e mais cômodos lugares.

"*Anphitheos*" (Ambideus), que se diz meio humano e meio divino, propõe-se a fazer um pacto de trégua com os lacedemônios. Os Pritaneos mandam expulsar o único homem que se diz capaz de conseguir uma trégua. O arauto anuncia a chegada de embaixadores vindos do Oriente, que, ao pronunciarem seus discursos, são constantemente interrompidos por Dikaiópolis, que os mostra como fanfarrões, embusteiros, impostores, ardilosos, charlatães, mistificadores, pois se locupletam nas cortes estrangeiras e ainda recebem soldo. O contraste é bem nítido entre a promiscuidade e frugalidade dos que vivem em Atenas e a bizarrice e ostentação da Corte Persa. Fala o embaixador persa:

*"Quando chegamos ao palácio, o grande rei e a cabeça de seu exército haviam ido fazer suas necessidades, e semelhante operação lhes entretive oito meses nas montanhas de ouro. Quando regressaram obsequiou-nos bois inteiros assados no forno."*²⁰

Os delegados persas são chamados de Pseudartabas ou Falsartabas. (A palavra grega *pseudos* significa mentira, falsidade.) Já que ninguém dá ouvidos a seus apelos em favor da cessação das hostilidades, Dikaiópolis envia Anphitheo a Esparta em seu próprio nome e recebe um sortimento variado de tratados de paz. Prova das três amostras e decide-se pela paz dos trinta anos. Recordemos aqui que Tucídides²¹ afirma ter a guerra começado quando os atenienses e peloponesos romperam a trégua de 30 anos (445 a.C.).

Inicia-se o "*Párodo*", a entrada do coro em cena, composto por 24 anciãos de Acarnás, demo da Ática, que se alinham na orquestra em 6 filas e 4 colunas,

18- TUCÍDIDES. História da Guerra do Peloponeso, II, 14.

19- ARISTÓFANES, op. cit.

20- ARISTÓFANES, op. cit.

21- TUCÍDIDES. História da Guerra do Peloponeso, I, 23.

manifestando sua cólera contra "esse negociante de tréguas". Os acarnenses tentam perseguir esse "porta-tratados", mas são velhos e barrigudos e não possuem agilidade suficiente para alcançá-lo. A figura dos acarnenses, embora possa provocar piedade é, sem dúvida, risível.

Por que a escolha deles? São carvoeiros valentes, corajosos e orgulhosos combatentes que descendem dos heróis de Maratona, mas são velhos rústicos belicosos e resmungões e só desejam a guerra depois de terem suas terras totalmente devastadas. Conta-nos Tucídides que Arquídamos, rei da Lacedemônia, estivera acampado em Acarnás, depois de tê-la devastado, aguardando que os Atenenses se dispusessem a sair da cidade onde o cauteloso Péricles os obrigava a permanecer.

*"Quando viram o inimigo em Acarnás, a sessenta estádios de Atenas, perderam a paciência. A devastação de suas terras diante de seus olhos, espetáculo novo para os jovens e mesmo para os mais velhos, desde a guerra com os persas, fazia-os fremir de raiva. Todos pediam para vingar essa afronta. Todos discutiam vivamente a favor ou contra o recurso às armas imediatamente. Os acarnenses, que se consideravam uma fração importante dos atenienses, mesmo porque estavam contribuindo com três mil hoplitas, vendo suas terras devastadas exasperavam-se e exigiam em altos brados sair e combater."*²²

A ação belicista dos acarnenses, exímios no manejo da funda, perseguindo o pacifista Dikaiópolis para atirar-lhe pedras, é suspensa por alguns instantes para assistirem à celebração das Dionísias rurais. Levando o falo (símbolo da fertilidade) e cantando o hino fálico, Dikaiópolis lembra que somente após seis anos pode festejar, visto que agora está de posse de um tratado de paz de trinta anos.

O coro encontra Dikaiópolis - inicia-se o Pro-Agon - ameaça-o com pedradas e acusa-o de traidor, recusando-se a escutá-lo. Dikaiópolis consegue fazer-se ouvir; agarra uma cesta de carvão (os acarnenses são carvoeiros) e ameaça atirá-la ao fogo, parodiando uma cena da tragédia Télefo, de Eurípedes, na qual o herói homônimo, carregando Orestes-criança, filho de Agamenon, ameaça matá-lo se o pai não lhe der audiência. Dikaiópolis faz o mesmo com um saco de carvões e profere seu audacioso discurso, justificando os lacedemônios. Não sem antes

dirigir-se a Eurípides e lhe pedir os farrapos de Télefo para poder comover mais facilmente os belicosos acarnenses. Dikaiópolis, ao indagar se Eurípides está em casa, recebe do criado porteiro resposta caracteristicamente sofisticada: está e não está. Diante da incompreensão de Dikaiópolis, o criado explica: "Seu espírito está fora, recolhendo versos, mas seu corpo está em casa compondo uma tragédia."

Eurípides é apresentado suspenso no ar, em meio a todas as quinquilharias indispensáveis para compor o cenário realista de suas tragédias. Dirige-se a Dikaiópolis numa linguagem afetada e rebuscada, típica da tragédia euripídiana. Vem à cena por meio de uma máquina *Ek kyklima*²³, utilizada por Aristófanes para zombar do progresso técnico-cênico tão caro a Eurípides. Dikaiópolis consegue todos os acessórios de mendigos e maltrapilhos. Queixa-se a Eurípides: "estás me roubado uma tragédia inteira."

Disfarçado de Télefo, o mendigo, Dikaiópolis enfrenta o coro. Profere seu discurso, no qual dá uma versão burlesca das causas da guerra: o rapto de duas prostitutas de Megara e a conseqüente vingança dos megarenses, raptando cortesãs de Aspásia, deram início à guerra. A verdadeira causa, porém, como aponta Tucídides²⁴, é o justificado temor que aos lacedemônios inspira o poderio de Atenas, criticado na comédia anterior de Aristófanes. Conta-nos, ainda, o historiador Tucídides que, por ocasião da defecção de Megara, em 445 a.C., todos os homens da guarnição ateniense em Megara foram exterminados. Os megáricos aliaram-se então aos lacedemônios. Em 432 a.C., os atenienses decretam que os megáricos fiquem excluídos de todos os portos situados em regiões dominadas pelos atenienses e do mercado de Atenas. Conta-nos, também, que os lacedemônios incluíram, nas exigências para evitar a guerra, a revogação do referido decreto. Os atenienses, porém, recusaram-se e, em 432 a.C., Megara foi invadida pelo maior exército de Atenas reunido em um só corpo, sob o comando de Péricles, tendo devastada a maior parte de suas terras. Ao longo da guerra, dada sua posição estratégica, Megara era invadida anualmente. E Aristófanes faz um habitante de Megara, embora sob a forma de pura farsa, traduzir essa situação.

Dikaiópolis - Télefo, disfarçado de mendigo, enfrenta o coro. É o "*Agon*", um duelo dialético entre duas posições contrárias que, na comédia ática, assume caráter intelectual. Consegue persuadir metade do coro, pois a outra metade

23- Daí vem a expressão Deus ex machina.

24- TUCÍDIDES. História da Guerra do Peloponeso, I, 23.

continua em seus propósitos belicistas e apela para Lâmaco²⁵, um general fanfarrão, partidário ardoroso da guerra, que aparece todo paramentado de guerreiro. A divisão do coro dá-nos uma imagem das habituais disputas que dividiam Atenas: uns a favor, outros contra a guerra.

Finalmente, os dois semicoros opostos reúnem-se num só, reconhecendo a sabedoria do pacifistas Dikaiópolis e o mercenarismo de Lâmaco. Inicia-se, então, a Parábase, interrupção da ação dramática, na qual o coro se dirige à platéia e, em nome do autor, faz críticas a seus inimigos e louva o cidadão e o poeta em cujas comédias "brilhará" sempre a justiça.

Dikaiópolis, de posse da paz, anuncia a todos que podem comprar e vender em seu mercado, exceto Lâmaco.

*"Era preciso apresentar de maneira grotesca as consequências daquela maluquice que o protagonista pusera em movimento, logo no prólogo. Quais serão os efeitos da paz de Dikaiópolis? Só ele pode negociar com o inimigo."*²⁶

O primeiro a chegar é um megarense, vítima da guerra, que responde ironicamente à pergunta de Dikaiópolis, de como vivem os meganenses: "Sentados sempre junto ao fogo e mortos de fome." O megarense vende-lhe suas duas famélicas filhas disfarçadas de porcos e ainda pede a Hermes, protetor do comércio, que seja permitido vender a mãe e a esposa. Em seguida, aparece um habitante da Beócia que lhe vende enguias em troca de um delator (sicofanta), produto que, aparentemente, é abundante em Atenas, enlouquecida pela guerra. Dikaiópolis canta uma ode lírica à enguia que "finalmente vem visitar-nos depois de seis anos." É uma evocação nostálgica do tempo de antes da guerra. Nega-se a vender a Lâmaco, mas presenteia com umas gotas de paz um casal recém-casado, para eles poderem gozar a lua-de-mel. Nesta passagem, Aristófanes dá-nos uma amostra do que pensa das mulheres gregas. Mesmo zombando delas, mostra que as mulheres estão a seu lado, na luta pela paz. Mães e amantes detestam a guerra. E a jovem esposa apresentada é compatriota da futura Lisístrata e merece a paz.

25- A etimologia de *Lamacos* é *lo e make* quero a guerra.

26- STARZYNSKI, Gilda M. Reale. Uma situação cômica: o cidadão Justino faz uma visita a Eurípides.

Dikaiópolis prepara-se para uma festa (Komos) e Lâmacos para a guerra. Há, no final, uma cena paralela, na qual a luta verbal entre o belicista e o pacifista resulta em júbilo e na alegria festiva de Dikaiópolis, sendo que Lâmacos é ferido de morte.

A PAZ

A vida profissional de Aristófanes transcorreu paralelamente à Guerra do Peloponeso. Assim, não se crê que tenha tido oportunidade de usufruir, em sua vida real, do lirismo e da felicidade que canta em sua idílica comédia *A Paz*.

Era o nono ano de guerra, quando lacedemônios e atenienses estabeleceram, subitamente, um armistício por um ano. Durante a vigência da trégua, houve inúmeras negociações relativas à paz definitiva. Dentro desta perspectiva, criou-se um clima de euforia. O prognóstico de paz dominava as discussões em Atenas. Após a expiração do armistício, o demagogo Cleon persuadiu os atenienses a fim de que o deixassem embarcar para a Trácia. Defrontam-se os atenienses e lacedemônios e Anfípolis, onde morreram Cleon e Brasidas, o rei espartano. Em seguida à batalha de Anfípolis, nenhum dos lados empreendeu quaisquer outras operações militares. Lacedemônios e atenienses, por razões diversas, estavam interessados no acordo de paz, mesmo porque os homens que, de cada lado, mais se opuseram à paz, estavam mortos²⁷. Ledo engano: ainda surgiria na história o audacioso e ambicioso Alcibíades. Esses primeiros dez anos de guerra, conhecidos como a Guerra Arquidâmia, terminaram com a assinatura do tratado da "Paz de Nícias", que pôs termo à primeira fase da Guerra do Peloponeso. Às vésperas do acontecimento, na primavera de 421 a.C. (mês de março), Aristófanes apresentou a sua comédia *A Paz* no concurso dramático das Grandes Dionísias, perante os delegados de todas as cidades aliadas da Confederação Ateniense.

*"Justamente por isso, A Paz tem sido acusada de mediocridade e excessivo engajamento nas circunstâncias do momento, enfim, de ser uma peça criada "ad propositum certum" e que, por isso mesmo, escapa ao nosso entendimento."*²⁸

27- Cf. Tucídides. *História da Guerra do Peloponeso*, V, 14, 15 e 16.

28- STARZUNSKI, Gilda M. Reale. "A paz prisioneira da guerra". *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 22/07/1979. Suplemento Cultural.

Starzynski mostra a injustiça do desprezo de certos críticos pela peça. Em *A Paz*

*"manifesta-se o lutador atuante que não teme a vingança dos poderosos do momento, nem a violência de inimigos apaixonados, pois, além de gozar completa liberdade de palavra ("parrhesia") que lhe confere o seu status de poeta cômico e servidor de Dioniso, julga-se um portador de palavras corretas e defensor do que é justo."*²⁹

Podemos dizer que a intriga, o enredo de *A Paz* é muito simples. Jamais qualificaremos a peça de medíocre. Medíocre é o entendimento de certos modernos críticos, que confinam seus comentários nos estreitos e mesquinhos limites das lutas ideológicas dos tempos modernos.

Enquanto se discutiam os termos da paz, Aristófanes escreveu, às pressas, e apresentou *A paz*, em 421 a.C., num clima de alegria e júbilo geral, dada a expectativa de uma reconciliação entre cidades que há dez anos vinham sendo sacrificadas. *A Paz de Nícias* foi assinada imediatamente após as *Dionísias Urbanas*, onde foi apresentada a peça.

O protagonista Trigueu, cultivador de videiras, empreende uma viagem fantástica, cavalgando um enorme escaravelho³⁰, como um novo Pégaso, ao Olimpo, onde a paz se encontra aprisionada. Trigueu chama todos os gregos para ajudá-lo a libertá-la. Solomos qualifica a peça de bem-humorado "canto pan-helênico de boas-vindas à paz."

O escaravelho é alimentado de excrementos. Enquanto Trigueu pergunta a Zeus se pretende varrer a Grécia da face da terra, seu escravo, que alimenta o escatofago, já está prestes a sucumbir ao cheiro nauseabundo do escaravelho. Dez anos de guerra, a promiscuidade em que viviam os atenienses obrigados a abdicar da vida campestre e amontoar-se na cidade³¹, ainda assolados pela peste, correspondem à burlesca imagem traçada por Aristófanes, na primeira parte da

29- Idem, *Ibidem*.

30- O escaravelho é uma paródia de uma fábula de Esopo: *A águia e o escaravelho*.

31- "Nem o próprio Pelárgicon, situado no sopé das Acrópole, escapou à necessidade de ocupação imposta pelas circunstâncias, apesar das maldições que impediam tal procedimento." TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*, II, 17

peça. "Tão malcheirosa é a estrebaria de Trigeu quão asquerosa e repelente é a guerra portadora da morte."³²

A duras penas, Trigeu, durante sua viagem, consegue desviar sua fétida montaria das imundícies, das latrinas, das pocilgas, do lixo, das pessoas defecando nas ruas. Consegue finalmente atingir o Olimpo, onde só encontra o deus Hermes, que, depois de subornado, revela a verdade: todos os deuses fugiram, pois não suportavam mais a insensatez dos gregos em lutas fratricidas, e deixaram "Polemos" - a guerra que trancafiara a Paz num antro escuro e profundo, fechando a entrada com enormes pedras. Polemos, a Guerra, pretende pilotar as cidades gregas. Sua ajudante é a Desordem, encarregada de auxiliar a Guerra a reduzir as cidades gregas a pó. Como Cleon e Brasidas haviam morrido, a Desordem não pode trazer o pau que serviria para moer Atenas e Esparta. Aproveitando-se dessa oportunidade, Trigeu exorta todos os gregos a libertarem a Paz.

É no "Párodo" que explodem os sentimentos pan-helênicos. É toda a Grécia que vem libertar a Paz. O coro é um mosaico de lavradores originários de todas as partes da Grécia, que vêm em auxílio de Trigeu. Finalmente, a Paz é trazida à luz, não obstante a má-vontade dos megáricos, dos beócios e argivos. Os primeiros não têm força, estão famélicos (cf. Os Acarnenses), os Beócios votaram contra a cessação das hostilidades³³ e os Argivos, habitantes de Argos, "não tinham compartilhado dos encargos da guerra contra os atenienses, estavam em paz com os dois lados e colheram os frutos da neutralidade."³⁴

A Paz é libertada juntamente com Opora, deusa da abundância ou dos frutos, e Theoria, deusa da alegria, da festa. A Paz é trazida à terra e iniciam-se os preparativos para o banquete nupcial de Trigeu e Opora - a Fatura. Theoria, a Alegria, é conduzida ao Senado para ajudar o Estado a reconstruir a cidade.

À crítica de pobreza do enredo de A Paz, G.R. Starzynski responde, chamando a atenção para a riqueza dos contrastes e o sentido da mensagem.

"À fedentina inicial, às pilhérias escatológicas e de mau gosto dos primeiros momentos, sucedem-se algumas cenas do mais alto lirismo em que quase sentimos o perfume dos bosques e o cheiro de terra

32- STARZUNSKI, Gilda M. Reale. A paz prisioneira da guerra.

33- Cf. Tucídides. História da Guerra do Peloponeso, V, 17.

34- Ibidem, V, 28.

molhada e dos frutos maduros. Nota-se, pois, uma oposição proposital entre grosseria e delicadeza, defecação e alimento, mau cheiro e perfumes, dolorosos combates e a alegria dos campos em festa."³⁵

A comédia termina com a união de Trigeu e Opora simbolizando a união do homem com a natureza, do agricultor com a fertilidade, enfim de cada grego com sua vida campestre, em tempo de paz.

LISISTRATA

"Embora as mulheres tenham poucos direitos, em qualquer cidade grega, existem aberrações bárbaras. Quando assisti aos jogos em uma das cidades gregas jônicas da Ásia Menor, espantei-me ao ver que, apesar de as moças solteiras serem incentivadas a assistir aos jogos e examinar os maridos em potencial nus em pêlo, as mulheres casadas eram proibidas de comparecer, pela razão, sem dúvida alguma lógica, de que qualquer alternativa ao marido legítimo não deve sequer ser imaginada. Na conservadora Atenas, as esposas e as virgens raramente podem sair de casa e muito menos assistir aos jogos."

Essa é uma passagem transcrita de um romance de Gore Vidal.³⁶

Citemos, a seguir, um verso de Hesfodo:

"Escolhe uma donzela por mulher e ensina-lhe os caminhos da discrição."

Passemos agora a Aristóteles:

"As mulheres não devem importunar seus maridos nem se inquietar em sua ausência; o homem deve acostumar a sua esposa a estar feliz e contente, tanto se ele está em casa como se está ausente. A boa

35- STARZYNSKI, Gilda M. Reale. A paz prisioneira da guerra.

36- VIDAL, Gore. Criação. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984, p. 30.

esposa deve ser a senhora de sua casa. Deve evitar conversar com estranhos, deve temer as conversações com as mulheres desocupadas nas ruas que tendem a envenenar sua alma. Deve somente ter conhecimento e se ocupar do que ocorre em sua casa. Isto é, pois, do que uma mulher deve se ocupar para levar uma vida regrada. Deve ser sua meta obedecer a seu marido sem atender aos assuntos públicos. As esposas devem considerar que é menos indecoroso para o marido mesclar-se com as coisas de dentro da casa do que ela espiar as coisas que ocorrem fora de seus muros."³⁷

A Lisístrata ou é uma "aberração bárbara", como lhe chama G. Vidal ou, como bem interpreta G. Starzynski, representa

*"um mundo às avessas que só pode retornar ao normal quando cessar a guerra, a geradora da anormalidade total, quando os homens depuserem as armas da guerra, vencidos por outro poder mais forte, as armas do sexo e do amor."*³⁸

Faça o amor, não faça a guerra, esta é a bandeira empunhada por Lisístrata (que em grego significa a que dissolve exércitos), protagonista da alegre e maliciosa comédia de Aristófanes. Apresentada pela primeira vez em 411 a.C., vigésimo-primeiro ano da guerra do Peloponeso, Lisístrata aborda novamente um dos temas favoritos de Aristófanes: a paz. Às vésperas do desastre total, depois da lastimável derrota da Sicília, Aristófanes percebeu que um ardoroso apelo à paz, sem sublinhar o desastre, significaria "levantar o moral dos atenienses, chamando-os aos brios"³⁹, mergulhando-os numa fantasia impossível, virando tudo de pernas para o ar e criando um mundo totalmente absurdo: "as mulheres derrubam as portas do gineceu e saem para a Ágora a fim de impor a sua vontade aos homens."⁴⁰

Não podendo esperar muito da inteligência masculina, Lisístrata persuade as mulheres de todas as cidades envolvidas no conflito a lutarem para terminar com a guerra absurda. Propõe a greve das obrigações conjugais. Assim, negam-se a fazer

37- ARISTÓTELES. Economia Doméstica. Livro III, Cap. I.

38- STARYNSKI, Gilda M. Reale. A paz prisioneira da guerra.

39- Idem, Revista da Faculdade de Educação. São Paulo, USP, 7(2), 1981.

40- Idem, A paz prisioneira da guerra.

amor e sexo com seus belicosos e embrutecidos maridos, até que estes assinem um tratado de paz. Apoderam-se do tesouro ateniense guardado na Acrópole.

Ao coro de anciãos que as injuria, o coro de mulheres responde: "Pagamos nossa parte de tributos dando homens ao Estado." E Lisístrata, que lidera o boicote à guerra: "A guerra é um fardo muito mais pesado para nós que para vós. Geramos filhos que a guerra nos arrebatam."⁴¹

Os homens, que tanto padeceram na guerra, não suportando a abstinência amorosa, sucumbem à batalha do sexo liderada pela bela, altruísta e digna Lisístrata, assinando a paz definitiva.

Ao leigo poderia parecer que as comédias pacifistas de Aristófanes perderam atualidade, por estarem inexoravelmente comprometidas com eventos específicos de uma quadra histórica já encerrada.

Nestas notas, porém, procuramos evidenciar a fragilidade de tal postura. A dimensão da obra aristofânica é restabelecida quando a entendemos como veículo de afirmação de valores universais, os quais se exprimem e concretizam na vivência quotidiana dos homens que padeceram as vicissitudes da guerra.

Não mais haverá uma Guerra do Peloponeso, não mais digladiarão os guerreiros helenos. Mas sempre restará a universalidade dos fautores de guerras, dos que com elas se locupletam, das suas vítimas assim como dos defensores da paz.

41- ARISTÓFANES. *Lisístrata*.